
O DISCURSO VEICULADO PELOS EDITORIAIS DA *REVISTA DO ENSINO DE MINAS GERAIS* (1925-1970): modelando professoras*

Maria Madalena Silva de Assunção

Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG
Docente da PUC – MG e da UNINCOR – Três Corações - MG.
E-mail: mms.a@terra.com.br

Resumo

Tendo como referência os discursos veiculados pelos editoriais da Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1970), o objetivo neste artigo foi o de analisar as representações sobre o magistério primário e, em especial, sobre o modelo idealizado de professora. É discutido também a importância deste periódico na formação dos(as) professores(as) à medida que ele tem como meta principal a divulgação das novas doutrinas pedagógicas, em especial, daquelas oriundas do movimento escolanovista. As propostas originárias do Estado para formação e constituição de um modelo de professora foram verificadas, neste artigo, a partir dos editoriais da revista, uma vez que estes expressam os objetivos e finalidades contidos no periódico.

Palavras-Chave: Editoriais. Representações. Professora

Abstract

Based upon essays that were published by the editorials of "Revista do Ensino de Minas Gerais" (1925 - 1970), the aim of this article is to analyze the representations about the elementary (primary) teaching, especially the idealized model of the teacher. The importance of such magazine in the teachers' professional background is discussed as it publishes new pedagogical doctrines, especially the ones defended by the New School movement. The state-made proposals for the creation of a new model of a teacher are studied in this article, which is based on the magazine editorials, once they expressed the objectives of such publication.

Keywords: Editorials. Representations. Teacher

A imprensa periódica como fonte de pesquisa tem se tornado um recurso bastante usual ultimamente. Ela é rica em elementos que possibilitam novas leituras da História da Educação e da história do ensino, trazendo contribuições fecundas para interrogações e múltiplas perspectivas de análise. Na imprensa periódica educacional, encontramos, com muitos

detalhes e riqueza, os debates, os discursos, as contradições entre a teoria e a prática, as contradições entre o 'legal' e o 'real', os anseios, as dificuldades e as desilusões, as ilusões e as utopias que fazem parte do projeto educativo de uma sociedade, e de órgãos educativos, em especial, em um dado momento.

Nesse sentido, a Revista do Ensino

* Recebido em: junho de 2006.

* Aceito em: junho de 2006.

de Minas Gerais¹, ao colocar-nos frente a frente com o discurso veiculado no período em questão – 1925 – 1970 – nos permite refletir a respeito das representações sobre o Magistério feminino, sobre as representações acerca da professora e da mulher/professora, as representações a respeito da criança, entre outras, o que contribui para a compreensão do universo simbólico que sustenta a construção de modelos a serem perseguidos.

Em seus 46 (quarenta e seis) anos de existência foram publicados 239 números da revista, com uma média de 80 (oitenta) páginas em cada número, seu conteúdo se constituía basicamente de material informativo, formativo e didático-pedagógico. As alterações verificadas no conteúdo da revista podem, certamente, ser imputadas às mudanças de perspectivas e objetivos da política educacional e dos conseqüentes projetos pedagógicos definidos para cada época. Apesar das mudanças relacionadas aos conteúdos apresentados, a revista, que foi idealizada com o objetivo de orientar, estimular e informar os(as) professores(as) e funcionários(as) do ensino, mantém-se, de certo modo, fiel a ele.

A revista era distribuída para todas as escolas de Minas Gerais pertencentes à rede pública e também enviada para as escolas confessionais que ofereciam o Curso Normal. Paralelamente a essa distribuição, faz-se um constante apelo aos(às)

professores(as) para que estes(as) assinem o periódico. Além disso, a revista estabelece permutas com outros estados e outros países.

O empenho do Estado na publicação e distribuição dessa revista revela seu significativo papel na formação dos(as) professores(as), na manutenção e na transformação de alguns princípios básicos, bem como na divulgação de novas doutrinas pedagógicas, em especial, as teorias importadas da Europa e dos Estados Unidos, como foi o caso das bases teóricas que sustentavam a Escola Nova. Esses objetivos da revista se mantiveram no decorrer de sua existência.

Apesar de ter pesquisado todos os números da Revista do Ensino² (n.1, de março de 1925 ao n. 238-239, de março de 1970), o que nos possibilitou uma visão geral dos assuntos abordados, tomaremos aqui, para discussão, os editoriais, uma vez que estes expressam os objetivos e finalidades deste periódico.

Os Editoriais da Revista do Ensino

Não encontramos a expressão “editorial”, sobretudo nos primeiros números da revista. Desse modo, utilizamos o termo editorial para os textos intitulados apresentação, redação e introdução, que apresentam as características, teoricamente definidas, de um editorial. Assim, consideramos esses textos - pela localização

¹ De acordo com Paulo Krüger Corrêa Mourão (1962), a *Revista do Ensino de Minas Gerais* foi criada pela Lei n. 41, de 03/08/1892, pela Reforma Afonso Pena/Silviano Brandão. No entanto só começou a ser publicada em março de 1925 e teve seu último número publicado em março de 1970. O objetivo primordial da revista era a divulgação dos atos oficiais referentes à instrução e à divulgação dos processos pedagógicos modernos. Mas essa revista só foi ativada pela Diretoria de Instrução a partir do Decreto n. 6.055, de 19 de agosto de 1924. Durante todo o período de existência a revista manteve seu caráter oficial, ou seja, vinculada à Diretoria da Instrução Pública/Secretaria de Educação.

² De modo a simplificar as referências, uma vez que o periódico em questão constitui o *corpus* da pesquisa, apresento em nota de rodapé a referência das revistas citadas no texto e, ao final, a referência do periódico considerado no todo.

na revista - significativos para o entendimento do discurso do poder público/oficial.

Para os teóricos da comunicação, o editorial pode ser entendido como um texto opinativo

[...] escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura, referente a assuntos ou acontecimentos locais, nacionais ou internacionais de maior relevância. Define e expressa o ponto de vista do veículo ou da empresa responsável pela publicação (jornal, revista etc..). (RABAÇA; BARBOSA, 1998, p. 227-8).

A Revista do Ensino apresenta os três modelos de editoriais definidos por José Marques de Melo (1985, p. 84): “o preventivo (focalizando aspectos novos que podem produzir mudanças), de ação (apreendendo o impacto de uma ocorrência) e de consequência (visualizando repercussões e efeitos)”. Quanto ao conteúdo dos editoriais, encontramos, na Revista do Ensino, esses modelos caracterizados pelo autor, que são o “informativo” (esclarecedor), o “normativo” (exortador) e o “ilustrativo” (educador), que em determinados momentos se mesclam em um mesmo texto.

O primeiro editorial, de março de 1925, apresenta a Revista, seu regulamento, seus objetivos e indica seus dirigentes. Solicita também aos(as) leitores(as) que enviem colaborações para a publicação, recomendando que estas fossem assinadas pelo(a) autor(a). Após esse primeiro número, no local destinado ao editorial, a Revista publica artigos, de modo geral relacionados à Pedagogia e à Escola Nova, considerados, certamente, de grande relevância para o conhecimento e a formação do(a) leitor(a).

Na Revista n. 41, de janeiro de 1930, aparece um título – Apresentação - que nos permite identificá-lo como um editorial. Mas é apenas a partir de outubro de 1932, na

Revista n. 74, que passamos a ter a convicção de que estamos realmente lidando com um editorial, quando aparece, no sumário, o termo Redação.

Na Revista de fevereiro de 1926 é publicado como editorial, sem essa rubrica, a Oração da Mestra, de Gabriela Mistral. No texto introdutório ressaltam as características de bondade, amor, abnegação que deve ter a professora, além do caráter materno que esta deve possuir. As revistas de 1927 são dedicadas, inteiramente, a divulgar o Primeiro Congresso de Instrução Primária do Estado de Minas e as comemorações do centenário do decreto que criou o Ensino Primário no Brasil.

A partir de outubro de 1928, até meados de 1932, são publicados, nas primeiras páginas da Revista, textos sem autoria, com um conteúdo informativo, uma linguagem oficial e um tom pedagógico-doutrinário e exortativo, conclamando os(as) professores(as) a participarem da nova política educacional e da nova escola que se pretende criar e solidificar.

Esse período é marcado por dois momentos, sendo o primeiro caracterizado pela divulgação dos princípios da reforma de ensino e o segundo pelo discurso que convoca os(as) professores(as) para uma mudança em suas atitudes e conhecimentos, para que implementassem, em suas práticas, a nova política didático-pedagógica. O tom do discurso, desse segundo momento, é bastante ameaçador com relação àqueles(as) professores(as) contrários(as) às novas políticas educacionais.

No primeiro momento, nem sempre definido temporalmente, e muitas vezes mesclado pelo segundo, encontramos textos como o seguinte:

Nenhuma voz se levanta para dizer que applicou os novos methodos de ensino e

que nelles encontrou este e aquele defeito ou esta e aquella vantagem. É realmente para lastimar que entre milhares de professores, haja apenas um punhado de almas inteiramente a par de seu dever, cogitando de receber as lições dos novos tempos e de pôr a sua escola ao corrente de sua época. Se não me tenho preparado devidamente, se as minhas aulas não teem melhorado, se os alumnos dellas fogem, por causa de minha impertinência ou despreparo, se não tenho applicado o Regulamento, não cumpro o meu dever e não sou, portanto, uma pessoa de bem.³

Com a reforma do Ensino Primário, ocorrida em 1927, e a do Ensino Normal, ocorrida em 1928, é notória a preocupação em garantir que essas reformas fossem realmente implementadas, mas, para que isso ocorresse, a condição primeira era a participação efetiva dos(as) professores(as). Essa preocupação aparece também nos discursos que antecederam as reformas, no sentido de preparação para a nova missão do magistério, ou seja, a de remodelar inteiramente o ensino e a escola.

Em 1930 continua o apelo para que o(a) professor(a) se inteire da Reforma de Ensino e a coloque em prática:

Não se comprehende nem se explica que haja, em Minas e nesta hora, um professor sem um manual de pedagogia pratica.

Realmente. Põe-se em execução uma reforma de ensino, inteiramente diversa da antiga organização; essa reforma traz principios novos, processos novos e programas novos; essa reforma pede, por isso, espiritos bem orientados para que não desmanchem, na applicação, o que se lhes pede no Regulamento; - justo é, portanto, que o nosso professorado, para que cumpra bem os seus deveres, se consagre á leitura de livros modernos, medite longamente sobre elles, procure applicá-los, com cuidado, aprimorando e

aperfeiçoando o seu modo de ensinar. [...] Deixemos aqui este apello a todos os mestres mineiros, nesta hora gloriosa da nacionalidade, em que um largo e profundo movimento sacode os fundamentos da nação, numa nobre ansia de progresso e de aperfeiçoamento: que adquiram um, dois ou três volumes de pedagogia, que os leia, com ponderação, que os procure applicar [...].⁴

Em um tom que parece ter como objetivo suscitar o aspecto emocional, os inúmeros discursos apelativos garantem aos(às) professores(as) que a vitória chegará, desde que haja o aperfeiçoamento, a boa vontade e o esforço comum de todos(as) os(as) professores(as).

A qualificação do(a) professor(a), dentro dos princípios científicos, além (ou antes!) de um grande amor pelas crianças e por sua missão, garantiria a formação dos(as) jovens para a construção de um país soberano. Era, portanto, necessária uma formação científica rigorosa, no entanto, o amor pelas crianças e a doação nesta 'nobre' missão eram sempre lembrados como pontos prioritários no desempenho da tarefa de educar.

Mas, o grande receio dos governantes na efetiva implementação dos novos métodos de ensino, ou seja, da escola ativa, parece ter seu foco principal, nos(as) professores(as), que, pouco preparados(as), continuavam, de modo arraigado, com uma prática antiga. De tal modo, os discursos apelativos e ameaçadores parecem elucidar a preocupação. Ao mesmo tempo em que o(a) professor(a) é ameaçado(a) por sua preguiça em se qualificar e por sua rudeza no trato com as crianças, é sacralizado(a) como aquele(a) que tem o poder de salvar as crianças e o país da barbárie. Imagens paradoxais, mas que se

³ Revista do Ensino de Minas Gerais, anno IV, n. 32, abr. 1929, p.2-3.

⁴ Revista do Ensino de Minas Gerais, ano V, n. 49, set. 1930, p.1-2.

complementam e constituem o cerne das representações sobre o(a) professor(a).

No segundo momento, também nem sempre possível de separar temporalmente do primeiro, convoca-se continuamente, com discursos coercitivos, os(as) professores(as) à mudança. O(a) professor(a) que não ministra bem suas lições e não se aperfeiçoa é descrito como

[...] uma peça inútil no organismo social. Peça inútil, ferramenta quebrada, braço aleijado. [...] Sempre hade ser uma peça inútil e infecunda, um trombolho nocivo, porque occupa logar que os efficientes poderiam occupar melhor e porque nada dá aos outros de si, de sua substancia, de seu sacrificio, de seu esforço, senão um brilho que para nada serve. Esses – os que têm brilho. Quantos? Rarissimos... Imaginae agora a multidão dos que desconhecem a materia que lecionam, e, sobre desconhecê-la, não trabalham em adquiri-la e, sobre a preguiça e a ignorância, não se preoccupam em como hão de transmitir o pouco que possam saber.⁵

Nos editoriais de 2 (dois) anos depois, ainda, encontramos discurso semelhante:

Taes professores, ou por preguiça ou por ignorância, vivem satisfeitíssimos com o que são, não procuram de modo algum aperfeiçoar-se, não procuram comprehender os grandes princípios da educação e tentar a reforma de seus processos, não procuram augmentar a sua cultura, para colherem maiores fructos, firmarem um nome maior e subirem para um degrau superior.⁶

Afirmam que a forma como o(a) professor(a) prepara os exercícios para

aplicar em sala de aula é descompromissada com tal tarefa, pois estes(as) não escolhem os exercícios, estes já estão escolhidos, pois aprenderam com seus mestres e os repetem, ou são copiados dos manuais. Ele(a) não se envolve com o seu trabalho.

Sou professor? É essa a minha profissão? Quantas horas me dedico a ella? O trabalho do professor abrange apenas as quatro ou quatro e meia horas diarias – que se exigem no Regulamento? E o resto do tempo, a que dedico?

O Estado nada tem que ver com o destino dessas horas?

Em todos os officios o homem honesto emprega todas as horas de seu dia. O professor, em geral, não. Acabaram-se as aulas? Acabou-se a tarefa. Não ha leituras que fazer, nem trabalhos que escrever. O que se deseja é pensar em tudo, menos na tarefa de ensinar.

Proceder assim não é proceder honestamente.

O meu lugar, se eu continuar a proceder assim, é o lugar das peças velhas e inúteis: no porão da casa, cheio de pó, azedume e bolor [...]

Para os indolentes, os amargos, os desanimados e os desanimadores, não ha hoje lugar nas escolas de Minas. É leres os Regulamentos e, se não tiverem coragem de os encarar, para os realizar, é deixar o lugar aos que sabem lutar pela felicidade de sua terra [...].⁷

Ainda, outro editorial lembra aos(às) professores(as) que a devoção do(a) mestre(a) é a melhor propaganda da escola, como vem ocorrendo em outros países. Mas isso não ocorre com os(as) professores(as) daqui, uma vez que as diferenças entre o povo daqui e os de outros países é gritante, pois nestes o nível espiritual é por certo mais elevado do que o de nosso povo, e isso por motivos óbvios.⁸

⁵ Revista do Ensino de Minas Gerais, anno IV, n. 27, nov. 1928, p.2-3.

⁶ Revista do Ensino de Minas Gerais, anno V, n. 42, fev. 1930, p.2.

⁷ Revista do Ensino de Minas Gerais, anno IV, n. 32, abr. 1929, p.3-4.

⁸ Revista do Ensino de Minas Gerais, anno IV, n. 36, ago. 1929, p.3.

Enfim, os editoriais acusam e ao mesmo tempo conclamam os(as) professores(as) a adotar as propostas contidas na Reforma de Ensino.

Infelizmente, o espetáculo que se nos depara de ordinário é verdadeiramente desalentador: o professor fala demais, diz tudo, recita, discursa, narra e enche os minutos com a onda de sua eloquência. Continúa a ser torneira aberta, a despejar, a despejar e as crianças continuam a ser os mesmos funis, a receber, a receber... [...] É justamente o contrario do que se quer. Reflecti e resolvi seguir o caminho que vos aponta o nosso Regulamento.⁹

Concordamos, assim, com José Marques de Melo (1985, p. 80), ao afirmar que o editorial não significa, necessariamente, “uma atitude voltada para perceber as reivindicações da coletividade e expressá-las a quem de direito. Significa muito mais um trabalho de ‘coação’”. Coação do Estado para implantar um modelo de professora, além de bondosa e dedicada, portadora de conhecimentos científicos, capaz de implementar a política educacional.

A escola e a educação deveriam passar por mudanças radicais, oriundas da Reforma de Ensino e do novo pensamento pedagógico, daí a insistência, nos editoriais, quanto às atitudes pessoais do(a) professor(a), à importância de se preparar as aulas e ao aperfeiçoamento. Afirmam que o(a) professor(a) que quer cumprir sua missão “deve ministrar a seus alunos pão que elles possam mastigar, digerir e assimilar, e não pedra, que só as avestruzes podem transformar, no seu estomago privilegiado”.¹⁰ Aqueles(as) professores(as) que possuem conhecimento mas que não preparam suas

aulas são como uma peça inútil ou uma ferramenta quebrada, pois são preguiçosos(as), ignorantes e não passam de “um trombolho nocivo, ou ainda, uma figura irritante e irritada, que não sabe o grande papel que representa no mundo e que móe a paciência dos pequeninos que alli vão e dos quaes se póde dizer, com acerto, taes as amarguras que supportam: Não são alumnos, são martyres”.¹¹

O editorial de abertura, de 1929, retoma o discurso em prol das mudanças educacionais, permanecendo o tom de exortação e, ao mesmo tempo, de ameaça aos(às) professores(as) que não aderirem à cruzada empreendida pelo governo.

Esse editorial relata as realizações do governo elogiando suas ações e afirma que “o governo de Minas, num dos mais bellos ímpetos republicanos que a nossa historia tem registrado, disseminou escolas por toda a parte, numa sementeira formidavel e, dentro em pouco, todas essas escolas estarão perfeitamente providas de suficiente material didactico”. Lembra que o governo fez sua parte modernizando as escolas e indaga: “Agora é o ponto de nos perguntarmos a nós mesmos o que temos feito para correspondermos á admiravel obra realizada. Que é que estamos pensando, na hora solenne da elaboração dessa obra formidavel?”.¹² O Estado precisa do(a) professor(a), mas este(a) parece ser o grande empecilho para implementar a “obra pedagógica”

Nos editoriais, principalmente naqueles relativos aos anos de 1928 a 1930, é visível uma representação pouco favorável do trabalho pedagógico dos(as)

⁹ Revista do Ensino de Minas Gerais, anno IV, n. 33, maio 1929, p.3.

¹⁰ Revista do Ensino de Minas Gerais, anno IV, n. 27, nov. 1928, p.2.

¹¹ Revista do Ensino de Minas Gerais, anno IV, n. 28, dez. 1928, p.3.

¹² Revista do Ensino de Minas Gerais, anno IV, n. 29, jan. 1929.

professores(as) mineiros(as). O teor de alguns deles chega mesmo a ser ofensivo aos 'brios' dos(as) professores(as). Alegam que estes(as) "ludibriam" os(as) alunos(as) e seus pais, com aulas, que aparentemente podem ser muito bonitas, mas na realidade não passam de aulas falsas, e essa falsidade precisa acabar, pois o fim da escola é ensinar, e não iludir e enganar; podem os(as) professores(as) enganar a todos(as), menos àquele (O Estado) que entende o que é uma boa aula.

Apesar de todos os apelos em relação à mudança que deveria ocorrer nas atitudes dos(as) professores(as) em sala de aula, os discursos sugerem um certo desalento e 'desconfiança' de que as atitudes não mudariam apenas pela existência de uma reforma de ensino ou um novo método a ser seguido. Havia a 'suspeita' de que as professoras, apesar dos novos conhecimentos disponibilizados, continuavam levando para a sala de aula as mesmas "velhas atitudes".

No último editorial do ano de 1929, salienta-se que o Magistério passou a ser ocupado por profissionais de outras áreas – farmacêuticos, padres, juristas – porque esses profissionais estão constantemente lendo e aperfeiçoando-se, e que até mesmo a dona-de-casa lê sobre a vida doméstica, enquanto os(as) professores(as) não se preocupam com novas leituras e discussões pedagógicas. Assim, qualquer outra pessoa pode conseguir resultados equivalentes, ou até mesmo melhores do que os conseguidos pelos(as) docentes.

No ano de 1930 é recorrente, nos

discursos veiculados, exortações aos(às) professores(as), como as que se seguem: Trabalhem!, Sejam simples e modestos!, Mãos à obra!, Não sejam como uma água parada!, Leiam, leiam!, Sejam devotados!, O bom ensino não está no material, está no professor!, Falta de material não é desculpa para sua falsa aula!, Caminha com teus pés!, Que é que te impede de progredir?, Que é que te impede de ser um grande mestre?, Não desperdice o seu tempo, use-o para se preparar!.

Desse modo, podemos entender que o objetivo maior da Revista do Ensino de Minas Gerais, nesse período, foi o de ser o instrumento, por excelência, de divulgação da nova escola/Escola Nova que se almejava e dos princípios orientadores da política educacional, gestada nos órgãos oficiais do governo. Sendo este periódico, portanto, porta-voz do Estado e mediador entre este e o(a) professor(a).

A entrada da Psicologia, aliada ao discurso da Escola Nova

A partir de 1931, apesar de continuar o apelo aos(às) professores(as) quanto ao aperfeiçoamento, a Psicologia se consolida como parte, ou mesmo sustentação, do discurso pedagógico, visando ao conhecimento de um outro saber, ou do "verdadeiro saber", pois será a Psicologia que orientará o(a) professor(a) nos métodos e no conhecimento de uma teoria que se tornará o sustentáculo da prática.

A vinda de Edouard Claparède¹³ a

¹³ Édouard Claparède (1873-1940) médico e psicólogo foi considerado o pioneiro nos estudos da Psicologia da criança na Suíça. Fundou, juntamente com Pierre Bovet, o Instituto Jean-Jacques Rousseau em 1912 (Genebra), onde realizavam pesquisas, nas áreas da Psicologia e da Pedagogia, voltadas para a formação de professores. Defendia as reformas educativas baseadas na Escola Nova e sua obra foi traduzida em português e amplamente divulgada no Brasil.

Belo Horizonte (outubro de 1930), para proferir conferências na Escola de Aperfeiçoamento, em muito contribuiu para a solidificação desse discurso e para um longo artigo na Revista do Ensino sobre a homogeneização das classes escolares, bem como para o conteúdo do editorial:

Essas linhas configuradoras do quadro pedagógico, de orientação consciente, de enriquecimento progressivo de experiência e de técnica, só a psicologia, de que a pedagogia é mais do que um dos departamentos de aplicação, nos poderá proporcionar. É uma verdade inofismável: sem psicologia não ha pedagogia.

Procuremos, portanto, cultivar a psicologia e nela buscar o sentido de orientação que nos possa proporcionar a atividade pedagógica.¹⁴

Nos anos de 1932 e 1933, alguns novos assuntos começam a aparecer nos editoriais da revista: Reeducação e Co-Educação, Discurso de Paraninfo às Normalistas, Educação Pré-Escolar, A Biblioteca Mínima do Professor Primário. Mas as teorias psicológicas continuam a fazer parte e a sustentar discursos de alguns dos editoriais de 1933. A Psicologia encontra, nesse momento, um terreno fecundo para sua solidificação, pois a Pedagogia demanda um referencial teórico que possibilite a divulgação e a implementação da escola ativa, tão almejada pelo Estado. E nada mais convincente e charmoso que uma nova ciência para uma nova escola.

Os editoriais de 1933 podem ser divididos em quatro temas básicos: a preocupação com a qualificação dos(as) professores(as) para que estes(as) assumam, na prática, os princípios da escola nova; a discussão sobre os fins da educação

e o papel da escola na formação e grandeza de um povo; balanço do ano de 1933 e programas de ensino.

Em relação aos eventos e aos trabalhos realizados no ano de 1933, há um discurso ambíguo em relação aos(as) professores(as), pois, se há em um momento a descrença de que estes(as) profissionais realizariam uma educação inovadora, há também elogios pela competência e ardor com que abraçaram as tarefas que lhes foram designadas. Afirmam que o professorado mineiro deu, mais uma vez, prova exuberante de sua capacidade de trabalho, de seu espírito de sacrifício, de seu nobre idealismo.¹⁵

Esse tipo de discurso do Estado não invalida os discursos repreensivos já vistos anteriormente. O que se observa é que os discursos oscilam entre o elogio e a represália. Ou ainda, ora o discurso do Estado assume um tom de preocupação com a formação e com a prática dos(as) professores(as), ora esse discurso assume o tom da afetividade, buscando atingir os(as) professores(as) por intermédio de suas emoções. Assim, podemos inferir que esses discursos, mesmo díspares, são construídos com o mesmo objetivo: o de provocar mudanças substantivas em seus(uas) professores(as) e consolidar um modelo idealizado pelo Estado.

A Psicologia se torna parte efetiva do cenário pedagógico mineiro. Dentro do tema *programas de ensino*, dois foram os editoriais (fevereiro e março de 1933) reservados à divulgação da Psicologia. O primeiro faz um breve histórico do objeto de estudo da Psicologia, fazendo sempre referência a Edouard Claparède e

¹⁴ Revista do Ensino de Minas Gerais, ano VI, n. 53-55, jan./mar. 1931, p.2-3, grifo nosso.

¹⁵ Revista do Ensino de Minas Gerais, ano VII, n. 96, nov. 1933, p.1.

apresentando sugestões para se obterem melhores resultados das aulas nessa disciplina. O segundo apresenta as metas do novo programa de Psicologia Educacional.

Os conceitos e as prescrições oriundas da Psicologia têm, na década de 30, uma ampla divulgação e uma conseqüente consolidação no campo pedagógico. Assim, torna-se inadmissível pensar um(a) professor(a) que, no exercício de sua prática, não tivesse o suficiente conhecimento dos princípios psicológicos.

Em 1934, no primeiro editorial, são anunciadas algumas mudanças na organização da revista. Esta contará com questões e discussões que lhe imprimirão uma feição mais prática e ativa, de modo a ampliar-lhe a função orientadora e essencialmente técnica. No editorial subsequente salientam a importância de se divulgar as notícias, extraídas dos relatórios dos técnicos de ensino.

Nesse mesmo número, é publicado, na contracapa da Revista, o “Decálogo do professor”¹⁶ que apresenta características próximas do discurso oficial da época, uma espécie de prêt-à-porter para o(a) professor(a):

- I- Amarei a criança acima de tudo e mais que a mim mesmo.
- II- Não a humilharei nem com palavras nem com atos.
- III- Serei solícito, prestando-lhe a assistência do meu amor e de minha fé.
- IV- Honrarei a minha profissão e, pelo estudo, identificar-me-ei com ela.

- V- Não guardarei ressentimento para não me tornar criminoso pelo coração.
- VI- Respeitarei na criança a personalidade, deixando-a ser criança, como deve.
- VII- Com a esperança do semeador, farei de minha escola a sementeira de minha pátria.
- VIII- Cultuarei a verdade, com o meu exemplo, incutirei essa virtude no coração de meus discípulos.
- XIX- O interesse da criança, sua felicidade, sua vida serão meu ideal, minha alegria e minha razão de existência.
- X- Jamais serei um mercenário, e pontificarei na escola como num altar, - porque o magistério é um sacerdócio.¹⁷

Neste decálogo podemos observar que a preocupação central era com a criança, esta constitui-se o eixo norteador que conduz os discursos sobre e para o(a) professor(a). Afinal, o século XX, de acordo com Ellen Key¹⁸, seria o “século da criança”, e os princípios que sustentavam a prática educativa da Escola Nova em muito contribuíram para a centralidade da criança nesse processo.

Enfim, essa visão de escola e de criança, amparada pelo discurso da Psicologia e da Escola Nova, aponta o papel que o(a) professor(a) deveria assumir:

Não se fala aqui da modestia exterior, da roupa singela e pobre, do porte simples e desprezencioso, do contentamento com o lugar pequeno e sem relevo na sociedade. O que se quer aqui frisar é que a modestia – atitude de silêncio, de trabalho desprezencioso – é uma virtude que só agora começa a introduzir-se nas

¹⁶ Autoria de Mário Rabelo, Diretor do Grupo Escolar de Bambuí/MG.

¹⁷ Revista do Ensino de Minas Gerais, anno VIII, n. 101, abr. 1934, contra-capa.

¹⁸ As idéias de Ellen Key, educadora sueca, vinham ao encontro das idéias basilares da Escola Nova. Foi, portanto, bastante citada nesse período e teve sua biografia e a apresentação de suas principais obras publicadas na *Revista do Ensino de Minas Gerais*, anno III, n. 20, abr. 1927, p.413-414.

escolas do mundo, porque com o trabalho livre dos alumnos, com o respeito á sua personalidade e com o proposito de vê-los por si próprios organizados, o papel do mestre se modificou radicalmente. [...] Não será bom professor hoje em dia aquelle que não se contentar com um lugar apagado e secundario na sua sala de aulas.¹⁹

É possível constatar, pelo material apresentado na Revista do Ensino de Minas Gerais, que a preocupação com a criança extrapola a área psicológica, tornando-se preocupação e objeto de discussão e especulação dos mais variados discursos. Ela se torna presente e desliza dos discursos poéticos aos discursos religiosos, dos discursos políticos aos discursos domésticos, dos discursos metodológicos aos discursos folclóricos, dos discursos filosóficos aos discursos assistencialistas, dos discursos pedagógicos aos discursos sobre a maternidade.

A Psicologia continua... mas inicia-se a burocratização da educação

Os temas apresentados nos editoriais de 1934 evidenciam, a partir desse momento, preocupação com a fiscalização, com o controle, com a organização sistemática do ensino e com o corpo docente. Parece tratar-se de um processo de extrema burocratização da educação.

Os editoriais de 1935 concentram-se na divulgação de cursos e congressos realizados, mas sem esquecer as congratulações para a nova administração do ensino. Além de publicar na primeira página a foto do presidente Governador Benedito Valadares, a revista saúda o novo Secretário da Educação e Saúde Pública, José Bonifácio Olinda de Andrada, por sua

‘mocidade sadia e sua grande cultura’, transcrevendo o discurso proferido por este, no ato de sua posse.

A tônica dos editoriais de 1936 passa a ser a própria Revista do Ensino. Enfatizam a importância da colaboração dos(as) professores(as) com artigos para publicação e ressurgem a preocupação com a divulgação e a permuta da revista, conforme matéria divulgada na primeira página e transcrita em seis idiomas (português, espanhol, italiano, francês, inglês e alemão).

Em 1937 e 1938 há, basicamente, editoriais pedagógicos com temas relacionados ao exercício cotidiano do(a) professor(a). Esses temas sofrem, de certo modo, uma análise psicológica, quando, por exemplo, discute-se sobre os prêmios e castigos na educação ou sobre o “ajustamento” do aluno. Preocupação semelhante ocorre em relação à questão da escrita, que merece dois editoriais consecutivos.

Em 1939, a revista não publica nenhum editorial. Já em 1940, a primeira publicação –jan./mar., ano XIII, n. 170-172, na p.3. –, traz um longo editorial, relatando os acontecimentos de 1939, por ter sido:

[...] um ano fecundo em realizações e em seus acontecimentos de interesse para o ensino em Minas Gerais. Em todos os setores de nosso aparelhamento notou-se um surto novo de entusiasmo, como reflexo do estímulo a que a Secretaria da Educação [...] irradia a todos os pontos ligados à sua responsabilidade técnico-administrativa.

Há elogios ainda à dedicação dos(as) professores(as) da Capital, a Benedito Valadares, Governador do Estado, a Cristiano Machado, Secretário da Educação e Saúde Pública e a Eliseu

¹⁹ Revista do Ensino de Minas Gerais, anno V, n. 45, maio 1930, p. 2-3.

Laborne e Vale, chefe do Departamento da Educação. Como demonstração de tal dedicação, publicam, na primeira página da revista, a fotografia dos três.

Os editoriais no pós-guerra

A revista passa um longo período, de 1940 a 1945, sem ser publicada. Em janeiro de 1946, o editorial relata as dificuldades vividas no período da guerra e suas conseqüências no pós-guerra, que inviabilizaram a publicação. Alegam que os principais motivos foram em relação à onerosa mão-de-obra e à falta de papel, este um obstáculo maior. Ainda nesse editorial, insistem no envio de documentação fotográfica para serem publicadas na revista, mas essas fotografias deveriam mostrar realizações interessantes da vida escolar, deveriam ser recentes, nítidas e trazerem a identificação do evento.

Há também nos editoriais desse período a preocupação com a organização de clubes de saúde e com a divulgação dos preceitos básicos de Puericultura. A Higiene e a Educação Sanitária ocuparam longas páginas na segunda metade da década de 40, além da preocupação com o ensino e o cultivo de um sentimento nacionalista, o que fica visível no discurso patriótico e nas recomendações de atividades a serem desenvolvidas nas escolas.

Os editoriais de julho a dezembro de 1949 e de janeiro a março de 1950 referem-se os cursos de férias para os(as) professores(as), que se iniciaram em 1947, sob a tutela de Abgar Renault. Relatam o número de alunos(as)/professores(as), das cidades do interior e da Capital, matriculados(as) em cada curso oferecido. Lembram que essa iniciativa não se confunde com objetivos eleitorais, pois se trata da

preocupação do governo em familiarizar os(as) professores(as) com os problemas culturais e históricos do momento, promovendo novas diretrizes para a prática.

O patriotismo e a atenção com a criança e a escola

A década de 50 é anunciada como um momento promissor ou como um novo ciclo na história de Minas Gerais. O motivo de tal entusiasmo é a eleição de Juscelino Kubitschek para governador de Minas Gerais e a crença de que este muito faria pelo Estado em geral, e pelo ensino público em especial, por ser ele filho de uma professora.

A escola é tratada como um local de grande importância para a formação de indivíduos que viriam, futuramente, servir à pátria e saber viver em coletividade. Assim, os pais deveriam compreender o papel da escola e dela participar ativamente.

A criança a ser educada precisava ser conhecida pelos(as) professores(as), de modo a favorecer sua socialização, ensinando-lhe a viver em sociedade e a ter hábitos de cooperação, disciplina, cortesia, além de despertar-lhe os sentimentos da lei e da ordem, da responsabilidade e da tolerância. Com tal preocupação, a Secretaria de Educação constituiu comissões para elaborar os programas de ensino do curso primário. Os trabalhos que envolviam o conhecimento das diferenças individuais (Inquérito de ideais e interesses) e a conseqüente classificação dos(as) alunos(as) eram apresentados como uma atividade humana e patriótica, pois objetivava conhecer as crianças, buscando, 'no fundo de suas almas', o gérmen da personalidade aí latente, achando ideais e interesses e, tanto quanto possível, traçando

caminhos à existência futura, para a construção de uma sociedade de economia equilibrada.

Anos 60: democratização do ensino, o civismo, a religião, o comunismo, a democracia, a oscilação e o fim da revista

Após um longo período de interrupções e publicações esparsas, a Revista volta a ser publicada. Elisabeth Vorcaro Horta era, nesse período, 1961 a 1970, a Diretora-redatora da revista e assinava todos os editoriais que vinham sob o título Introdução.

A 'nova fase' da revista era sempre lembrada e que essa representava não apenas a mudança na apresentação gráfica e na disposição dos trabalhos, mas que apresentaria o que havia de melhor, em Minas Gerais, no setor educacional. A pretensão era a de se alcançar a veiculação de 6 (seis) números anuais, o que não se realiza até o último número publicado da revista. Em 1966, a Diretora-redatora afirma que os exemplares de cada edição se esgotam, rapidamente, mas ficam visíveis a oscilação e as dificuldades por que passam a Revista. A partir de 1967 fica claro que a irregularidade na publicação da Revista se deve à falta de verbas e à estrutura física que a Secretaria da Educação não mais oferecia para a publicação.

Há nesse período uma preocupação com a formação do cidadão e, portanto, a necessidade de se inculcar nas crianças os sentimentos cívicos em relação à pátria. Conseqüência disso foi a criação da seção na revista Educação e Civismo, para publicar artigos sobre a nação, a bandeira, o amor à

pátria. Outra preocupação era com a formação religiosa (católica), resultando na criação da seção Catequética, a partir de 1965.

O discurso a respeito da democracia se entrelaça ao discurso sobre a importância do sentimento de nacionalidade, e ambos seriam assegurados pela disciplina e pela educação. Os exemplos utilizados para convencimento da importância dessa formação tomam como modelo os Estados Unidos, mostrando sua história, suas conquistas, sua economia e sua democracia.

O discurso sobre a democracia se confunde com os preceitos religiosos e ambos contestam os princípios comunistas. A democracia aparece em situações diversas nos editoriais da revista e a direção se posiciona em relação ao golpe de 1964, afirmando que esta publicação²⁰ vem encontrar o Brasil em novos rumos políticos retomados depois de 1º de abril, quando eclodiu uma memorável revolução, mas o Brasil soube pôr fim às idéias comunistas e Minas não se calou frente a tal ameaça...

Em Minas, o despertar público, sincero, espontâneo, dessa consciência deu-se por ocasião de um comício comunista que deveria aqui realizar-se para afronta das tradições mineiras, entre nós, em Belo Horizonte. O comício não se realizou e foram as mulheres de Minas representadas por um grupo denodado que lá se postou com terços na mão a impedir com sua presença física e orações a permanência dos comunistas no recinto.²¹

Em toda a Revista do Ensino talvez esse seja o texto que mais expressa o papel da mulher mineira. Esta raramente é lembrada, quando o é, é para expor sobre os malefícios do movimento feminista ou para lembrá-la de que ela não precisa votar, pois o seu aluno, bem-educado por ela, a

²⁰ Revista do Ensino de Minas Gerais, ano XXXIII, n. 217, abr. 1964, p.3-4.

²¹ Revista do Ensino de Minas Gerais, ano XXXIII, n. 217, abr. 1964, p.4.

representará nas urnas. As mulheres representaram o ideal de preservação da moral, dos valores cristãos, da família e, principalmente, de manutenção de seu lugar social e político, ou seja, o lugar daquela que assiste (no duplo sentido: de ver sem participar e da assistência/auxílio) à sua família e às necessidades religiosas, sem qualquer outra pretensão...!

No editorial da última Revista²², Elisabeth Vorcaro Horta assinala que a Revista atingiu, no tempo exato, sua periodicidade normal. Foram, portanto, 9 (nove) anos de muito trabalho e obstáculos para se atingir tal periodicidade, mas, enfim, atingiu o objetivo e, junto a ele, o ponto final do periódico.

Pelos discursos dos editoriais podemos inferir o conteúdo veiculado por este periódico e o que foi lido e incorporado pelos(as) professores(as), levando-nos a refletir sobre as orientações, preceitos, prescrições, preconceitos que influenciaram a visão de mundo, atitudes e comportamentos, contribuindo assim para a fabricação de um modelo de prática pedagógica e de professor(a) que persistem no imaginário cultural.

Constatamos a recorrência de um discurso admoestador, mesclado por tonalidades morais, religiosas, higienistas, biológicas, políticas etc., enfim, discursos que compuseram um cenário para a fabricação de um modelo de professor(a). Estes(as) eram definidos(as), caricaturados(as), louvados(as), enaltecidos(as), execrados(as), contribuindo para o surgimento de determinadas representações sobre o(a) professor(a) e este(a), em equivalência, passa a se adequar ao discurso para ele(a) produzido.

O periódico, com sua linguagem específica, representa um suporte à construção de determinado modelo de pensamento, dirige a maneira de pensar e sentir, delinea configurações intelectuais e perceptivas específicas dos indivíduos de uma dada época. Entretanto, entendemos que entre o mundo do texto e o mundo do(a) leitor(a) há múltiplas possibilidades de significações que irão, de certo modo, direcionar a apropriação que será feita.

Apesar das diferenças ocorridas no processo de apropriação de um determinado texto, entendemos ser relativa essa independência do(a) leitor(a), uma vez que ele(a) se encontra cercado(a) e impregnado(a) pelos códigos, convenções, valores, normas que regem as práticas e expectativas de um determinado grupo ou sociedade em um dado momento. Assim, a leitura, além de situada historicamente, ultrapassa uma simples operação intelectual e abstrata, ela se encontra ancorada também em outra ordem, ela se inscreve nos corpos, nos espaços e nas relações intra e interpessoais.

Nesse sentido, ela contribui para produzir subjetividades, fabricar e modelar pessoas, mas entendemos também que a subjetividade não pode ser pensada separadamente do conjunto de toda uma produção intelectual, produção artística, produção religiosa, produção social, produção econômica, produção política de um tempo e de um espaço, ou seja, ela é resultante da produção de diversos campos, inclusive da produção escrita a que as pessoas tiveram acesso. E, como é o caso da Revista do Ensino de Minas Gerais, seus discursos foram produzidos para os(as) professores(as) com a finalidade explícita de se modelar docentes que atendessem às

²² Revista do Ensino de Minas Gerais, ano XL, n. 238-239, mar. 1970.

expectativas, daquele momento, emanadas dos órgãos oficiais.

É visível, nos discursos e prescrições presentes na Revista do Ensino de Minas Gerais, a necessidade de se inculcar nos(as) professores(as) um certo modo de ser, e é nesse sentido que apontamos para a produção de uma subjetividade e de um modelo de professor(a), pois sendo a construção da subjetividade um processo que não passa ao largo da cultura, as experiências com tais leituras constituem um fator relevante nesse processo, em particular as informações apreendidas pelo discurso e mensagens ali veiculadas, e, por intermédio de tais ações, as mulheres, e também os homens, não aprenderam, como salienta Clifford Geertz (1989), apenas a respirar, mas a controlar a sua respiração; não apenas a falar, mas a emitir as palavras e frases apropriadas, nas situações sociais apropriadas, no tom de voz apropriado e de modo evasivo ou não. Não apenas a comer, mas a preferir certos alimentos, cozidos de certas maneiras; não apenas a sentir, mas a sentir certas emoções muito distintamente; não apenas a se tornar mulher/homem, mas a se tornar uma mulher/homem que se comporta e sente de determinada forma; não apenas a se tornar professor(a), mas a se tornar um(a) professor(a) com determinados predicados e ideais. Enfim, não apenas as idéias, mas as próprias emoções são artefatos culturais.

Os professores, ou melhor, as

professoras primárias na Revista do Ensino, eram apenas representadas, definidas, caricaturadas, louvadas, enaltecidas, execradas... e,

[...] Vale notar quem utiliza o poder para representar o outro e quem apenas é representado. Isso se torna particularmente importante, se pensarmos que, na maior parte das vezes, as mulheres e as mulheres professoras são definidas, e portanto, representadas, mais do que se definem. Homens-parlamentares, clérigos, pais, legisladores, médicos – auto-arrogando-se a função de porta-vozes da sociedade, dizem sobre elas. Como consequência, elas também acabam, freqüentemente, definindo-se e produzindo-se em consonância com tais representações (LOURO, 1997, p. 465).

Desse modo, as professoras que hoje se encontram nas salas de aula carregam histórias que atravessaram o tempo, mas que o tempo não foi capaz de apagar, por isso, elas ressurgem em cada uma de nós, professoras. E, de algum modo, os atributos conferidos à profissão docente permanecem, mesmo tendo sido reinterpretados e, sob novos discursos e novas insígnias, mantém-se, mesmo que subterraneamente, determinados elementos e características já antes associados à função desempenhada pelas professoras. São essas histórias e discursos que foram internalizados e que rerepresentamos, na cena da sala de aula, em nossa profissão docente.

Referências

ASSUNÇÃO, M. M. S. de. **A Psicologia da Educação e a construção da subjetividade feminina** (Minas Gerais – 1920 -1960). 2002. 483 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989. 323 p.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. (Org.); BASSANEZI, C. (Coord. Textos). **História**

das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, EdUNESP, 1997. p. 443-509.

MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985. 166 p.

MOURÃO, Paulo Krüger Corrêa. **O ensino em Minas Gerais no tempo da República (1889-1930).** Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais, 1962. 608 p.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

REVISTA DO ENSINO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte: Orgam Oficial da Directoria da Instrução / Orgão Técnico da Secretaria da Educação / Secretaria da Educação e Saúde Pública / Secretaria da Educação, n. 1 ao n. 239, mar.1925 a mar. 1970.